Na década de 10, os fãs lotavam o Íris e o Ideal

Pedro Lima

Nasci em 1902, em São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Em 1908 assisti ao meu primeiro filme, na Exposição Nacional. Foi esse filme — um "natural" da própria exposição — que me despertou o gosto pelo cinema. Depois fui a um cinema no início da Rua do Ouvidor.

O cinema que eu mais freqüentei foi o Pátria, inaugurado em 1910. Ficava no Largo da Cancela, em São Cristóvão, no local ocupado atualmente por uma confeitaria. Era um cinema enorme. Naquele tempo ainda se molhava a tela por trás, com uma seringa d'água, para ela não incendiar. Quem sentava na frente se molhava todo. Tinha acompanhamento de piano. Os donos eram o Rodrigues e o Blanco. Quem manobrava o cinema era o Blanco, porque o Rodrigues era um português muito ignorante. À noite quem tomava conta era a mulher do Blanco. O ingresso custava 500 réis, mas como eu ia ao cinema todo

CINEMA

ON

MPDRIBHTE

CASA

PROJECCOLS

DE FITAS

FRANCEZAS

ALLEMAS E

AMERICANAS

TODOS OS GENEROS: DRAMAS.

HISTORIA, MAGICAS, DAHÇAS.

UIRGENS, ETC. ETC.

GHFORTO E ELEGANCIA

LLUMINAÇÃO PROFUSA

2 EXPLENDIDAS SALAS DE ENHIBICOES

MATINCES ESOIRÉES DIARIAS

EMPREZA

ZAMBELLI & CA

AVENIDA CENTRAL Nº 187

ESQUIMA DA RUA 7 DE SETEMBRO

Programa do Odeon, cinema chic da Avenida Central.

dia ela me vendeu um pacote mensal por 200 réis cada entrada. No Pátria nasceram os primeiros fãs do cinema brasileiro: Adhemar Gonzaga, Álvaro Rocha, Paulo Wanderley, Ramiro Botelho, Carlos Leal e eu. Este cinema acabou há muito tempo.

Eu também ia muito ao Iris, na década de 10, que era muito frequentado pelos fãs de cinema. Dois cinemas disputavam os fãs: o Íris e o Ideal. Eu testemunhei a construção do Íris, um cinema muito chic feito pelo Paulo de Frontin. Ele botou umas barricas de cimento para ver se os camarotes agüentavam o peso das pessoas. O Ideal exibia os filmes da Pathé, os grandes sucessos e os seriados (Estrela de Nova York, O Mistério das Sete Pedras), enquanto o Íris só levava fitas de cow-boy (A Herança Fatal, A Moeda Quebrada). As segundas-feiras a Rua da Carioca ficava intransitável na hora da abertura dos cinemas. Juntava o público do Íris com o do Ideal, pois um ficava quase defronte do outro. As sessões começavam às 13h e interrompiam o trânsito, ninguém passava. Quando tocava a campainha para começar a multidão levava porta e tudo para dentro. No Íris havia um camarada forte, de nome Carlos, que ficava segurando as cordas com um porrete na mão. Ele metia mesmo o porrete para controlar a multidão. As pessoas entravam, sentavam e não podiam mais levantar, pois perdiam o lugar. Quando alguém levantava, o Carlos gritava: "- Mais um, mais dois lugares." Naquele tempo os cinemas enchiam de verdade. Eu preferia os filmes do Ideal; o Adhemar Gonzaga preferia os do Íris. Ele gostava mais dos cow-boys, e eu das artistas bonitas.

No centro da sala do Pathé havia um ventilador de teto com pás enormes. Um dia uma das pás se soltou e foi uma tragédia. Na sala de espera tinha um galo, que era o símbolo do cinema. O Avenida, o Central, o Palais e o Odeon tinham o mesmo padrão. O Odeon botava orquestras tocando na sala de espera. O Palais fazia muitas inovações, inclusive aromatizando o salão de acordo com o filme exibido. Nele eu me lembro de ter visto um dos maiores filmes do cinema brasileiro, *Lucíola* (1916), de Antônio Leal, com Aurora Fúlgida. Nesse dia ocorreu um fato curioso: eu estava de braço quebrado e ia entrar na fila quando uma senhora, com pena de mim, me chamou para entrar com ela. Havia muitas senhoras dentro do cinema, mas todas saíram quando a Aurora Fúlgida apareceu de camisola dançando em cima de uma mesa.

Naquele tempo, grandes orquestras tocavam nas salas de espera dos cinemas. Os Oito Batutas, com Pixinguinha, tocava no Palais. O Odeon tinha uma orquestra ótima, as pessoas pagavam só para ouvi-la.

O Cinematographo Rio Branco, localizado na Rua Visconde do Rio Branco, foi o cinema que exibiu os primeiros filmes falados (atrás da tela) no Brasil. Ali perto, na Praça Tiradentes, tinha o Cinema Paris, pertencente a Vital Ramos de Castro, que também era dono do Cine Popular, mais conhecido como Poeira. No cinema Poeira entravam pessoas com sacos de carvão, doceiro etc. Tinha um pátio com chafariz onde as pessoas deixavam os embrulhos e as mercadorias e iam assistir ao filme. Quase não se via os filmes por causa da fumaceira.

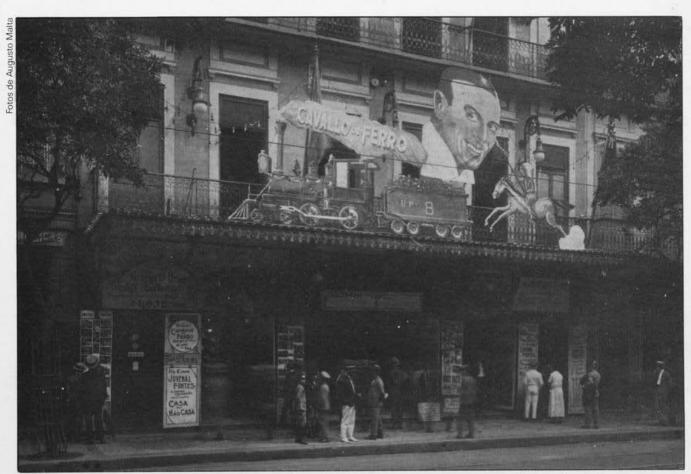
Os cinemas da década de 10 não eram luxuosos. Era uma sala de visitas com cadeiras de madeira ou palhinha. Era o divertimento mais popular daquela época. A artista mais popular era a Francesca Bertini, mas eu não a suportava.

Era comum a distribuição de programas com o enredo dos filmes. Mas era difícil conseguir os programas dos cinemas sem ver os filmes. Às segundas-feiras eu saía correndo para os cinemas para apanhar os programas. Eu tinha muita dificuldade no Cinema Odeon. O porteiro era um camarada alto, forte, troncudo. Ele dizia: "— Vai embora, menino, não tem programa, não. Você só vem aqui para apanhar programas, não vem ver os filmes." Um dia ele quebrou o braço. Eu descobri que ele morava perto de minha casa e fui visitá-lo. Daquele dia em diante ele passou até a guardar os programas para mim.

O cinema que me deixou mais saudades foi o Pátria. A demolição que mais me abateu foi a do São Luiz. Era um grande cinema, todo em mármore de Carrara.



O Pátria foi inaugurado em 1910 no Largo da Cancela, no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro.



Quando o Íris exibia novos capítulos dos seriados a multidão interrompia o trânsito da Rua da Carioca.



Reformas feitas nos anos 10 dotaram o Íris de camarotes, balcões e cadeiras artisticamente trabalhadas.



O Íris foi inaugurado em 1909 com o nome de Cine Soberano, homenagem a um famoso cavalo de corrida.